



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares

GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

DANÇAS URBANAS, CORPO E VOZ DA PERIFERIA: UMA ANÁLISE EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (1979-2024)

URBAN DANCES, BODY AND VOICE OF THE PERIPHERY: AN ANALYSIS IN PHYSICAL EDUCATION JOURNALS (1979-2024)

Amanda Luiza Silvestre Netto¹

Neil Franco²

RESUMO

Este trabalho analisou a produção sobre danças urbanas e Hip-Hop em 14 periódicos da Educação Física entre 1979 e 2024, a partir de uma revisão sistemática. Trata-se de uma investigação de abordagem quanti-qualitativa estruturada na correlação de fontes bibliográficas e documentais. Identificou-se 11 artigos, indicando que o tema é pouco explorado, especialmente no contexto educacional. A pesquisa também revelou uma concentração regional das publicações nas regiões Sudeste e Sul, refletindo desigualdades estruturais no acesso a recursos para pesquisa e a polarização da chegada do *Hip-Hop* no Brasil. A predominância de autores da área de Educação Física destaca um interesse crescente em resgatar a dança como tema da cultura corporal. Conclui-se que ainda há muitos caminhos para consolidar uma Educação Física que reconheça as danças urbanas como práticas legítimas e essenciais, valorizando suas expressões como formas de resistência, identidade e transformação social.

Palavras-chave: Danças urbanas. Hip-Hop. Educação Física. Cultura corporal.

ABSTRACT

This study analyzed the literature on urban dance and hip-hop in 14 Physical Education journals between 1979 and 2024, based on a systematic review. This is a quantitative and qualitative investigation structured around the correlation of bibliographic and documentary sources. Eleven articles were identified, indicating that the topic is underexplored, especially in the educational context. The research also revealed a regional concentration of publications in the Southeast and South regions, reflecting structural inequalities in access to research resources and the polarization of Hip-hop's arrival in Brazil. The predominance of authors from the field of Physical Education highlights a growing interest in reclaiming dance as a theme of body culture. It concludes that there is still much to be done to consolidate a Physical Education that recognizes urban dance as legitimate and essential practices, valuing its expressions as forms of resistance, identity, and social transformation.

¹ Bacharel em Educação Física. Universidade Federal de Juiz de Fora. amandasilvestre.0406@gmail.com

² Doutor em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. neilfranco010@hotmail.com.



Keywords: Urban dance. Hip-hop. Physical Education. Body culture.

1 DANÇAS URBANAS: UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL

No final da década de 1960, um novo fenômeno cultural surgiu nos Estados Unidos da América (EUA), particularmente no distrito do Bronx, em Nova York, impulsionado pelos Disc-Jockeys (DJs) jamaicanos Herc e Afrika Bambaataa, que são reconhecidos como pioneiros do movimento *Hip-Hop*. Uma técnica inovadora envolvendo a mistura de discos de vinil catalisou uma transformação da vida noturna naquela época, convertendo as esquinas da paisagem urbana em espaços de encontros comunitários para pessoas envolvidas com essas composições musicais (Barrios, 2016).

Vários participantes dessas reuniões se esforçaram para criar letras e rimas espontâneas que complementassem a saída auditiva dos *DJs*, gerando composições musicais que foram contemporaneamente denominadas de ritmo e poesia (*Rhythm And Poetry*), ou, mais sucintamente, *Rap*. No início, os *Rappers* criavam suas músicas usando palavras simples e repetitivas, mas isso evoluiu com o tempo na busca de um novo som. Criaram letras intrincadas cheias de frases que abordavam questões sociais na sociedade americana, transformando suas letras em discursos ricos em informações, mantendo a mesma melodia subjacente que estava enraizada no ritmo da música. As letras defendiam a vizinhança, os direitos de negros e de pobres como membros da sociedade, juntamente com vários outros desafios sociais que a nação estava enfrentando (Ronsini, 2007).

Além dos *Rappers*, a cultura do *Rap* abrangeu o papel dos mestres de cerimônias (*MCs*), encarregados de orquestrar essas festas de bairro reunindo a população em geral e os criadores culturais para participarem da ocasião. Ademais, outro componente vital e proeminente dessas celebrações foram as expressões artísticas do *graffiti*, que, em conjunto com os *DJs* e *MCs*, destacam e criticam as questões sociais enfrentadas pela nação durante aquele período, com a intenção de imortalizar, por meio de tons vibrantes, ilustrações e inscrições nas paredes do Bronx (Barrios, 2016).

Além disso, pode-se afirmar que essas celebrações também significaram o início das danças de rua, pois facilitaram encontros entre vários dançarinos que, por meio de movimentos coordenados e alinhados ao ritmo da música, geraram concursos ou, mais precisamente, confrontos para verificar quem exibia habilidades de danças superiores, promovendo uma expressão cultural em oposição à violência generalizada vivenciada pela nação. Esses artistas eram chamados de praticantes de *Break* ou, alternativamente, de *B-Boys*, e se distinguiam, desde o início, por executarem movimentos rápidos e manobras acrobáticas no chão sincronizados e em harmonia com a música, dando origem ao gênero que anunciou o advento da dança de rua, conhecido como *Break* (Barrios, 2016).

Assim, os componentes do *Rap* (incluindo *DJ* e *MC*), da dança (especificamente o *Break*) e artes plásticas (notavelmente o *Graffiti*) culminaram no que é reconhecido como o movimento *Hip-Hop*, que em tradução significa o “ato de mover os quadris” (para o *Hip*) e “pular” (para o *Hop*). Essa forma particular de expressão cultural urbana se distingue por sua representação das classes economicamente desfavorecidas e serviu/serve como uma resposta cultural às questões raciais, de discriminação, de violência e aos desafios econômicos enfrentados pelos EUA naquele período, assim como atualmente (Barrios, 2016). Assim, as manifestações que deram origem a cultura do *Hip Hop* são o *Rap*, a adaptação do canto falado da África Ocidental à música feita pelos jamaicanos na década de 1950; o *Break*, a dança dos guetos americanos no período pós-guerra do Vietnã; e, finalmente, o *Graffiti* (Ronsini, 2007).

Posteriormente, partindo do contexto americano, o *Hip-Hop* entrou no Brasil durante a década de 1980, coincidindo com um período marcado por uma significativa transformação social e pela iminente conclusão da Ditadura Militar (1964-1985). Consequentemente, o movimento *Hip-Hop* desempenhou um papel fundamental na defesa de perspectivas mais pluralistas, democráticas, participativas e centradas na cidadania, com suas demandas e queixas articuladas por manifestações como o *Graffiti*, o *Rap* (*DJ* e *MC*) e a dança (*Break*) (Barrios, 2016). Fundamentalmente, semelhante às suas origens nos EUA, o surgimento do *Hip-Hop* no Brasil se manifestou como um meio de protesto, predominantemente entre as classes socioeconômicas mais baixas que foram afetadas adversamente pelos inúmeros desafios históricos, sociais e culturais que nossa nação enfrenta (Ronsini, 2007).

Para entender como o *Break* se transformou em *Street Dance*, é importante olhar para o contexto histórico em que isso aconteceu. O *Hip-Hop* surgiu nos EUA nos anos de 1970 como uma expressão cultural da população negra e pobre, em meio a conflitos raciais. No começo, este movimento era restrito às periferias e servia como forma de resistência social. Com o tempo, o *Hip-Hop* ganhou visibilidade na mídia, principalmente por meio de artistas negros famosos como Michael Jackson e George Clinton, além de filmes³ que mostravam o cotidiano das comunidades suburbanas de forma mais comercial. Isso ajudou o movimento *Hip-Hop* a se espalhar pelo país. No entanto, o *Break* – que fazia parte do *Hip-Hop* – era uma dança muito intensa e agressiva, o que dificultava sua aceitação pelas classes mais altas e pelo mercado de entretenimento. Para tornar o *Break* mais atrativo e vendável, alguns coreógrafos começaram a misturar passos do *Break* com técnicas de danças mais clássicas, como o balé e o jazz. Um exemplo é Salim Slam, coreógrafo da cantora Madonna, que foi

³ O *Break* ganhou força com o movimento *Hip-Hop* por volta da década de 1980, através de filmes como *Beat Street* (1984) de Stan Lathan que mostra a cultura *Hip-Hop* de Nova York ligada à dança nos anos de 1984 e também com o filme *Breakdance* (1984), de Joel Silberg, que marcaram as danças de rua no país, conforme explica em entrevista o coreógrafo e referência na cultura *Hip-Hop* no Brasil, Frank Ejara (Barrios, 2016).

um dos responsáveis por essa fusão. Foi assim que surgiu o *Street Dance*: uma dança com base nas danças urbanas, mas com influências de estilos mais formais. No Brasil, o termo *Street Dance* costuma ser usado para se referir a essa mistura entre o *Break* e outras danças como o balé e o jazz (Costa, 2003).

Street Dance, também conhecida como “dança de rua” ou “danças urbanas”, é o termo utilizado para descrever este estilo de dança intimamente ligado à cultura *Hip-Hop*. A expressão “danças urbanas” se conecta diretamente à cultura urbana, que remete ao que é característico da vida nas cidades, especialmente às manifestações artísticas originadas em bairros, ruas e outros espaços públicos. Essa relação é destacada em documentários como História do *Hip-Hop* no Brasil (2011), Cultura *Hip-Hop* (2012), *Hip-Hop – a voz da periferia* (2013), e no documentário americano *Hip-Hop History Documentary* (2009) (Barrios, 2016).

A dança de rua, também conhecida como dança *Hip-Hop* ou danças urbanas, teve sua origem com o estilo *Break*. Com o passar do tempo, porém, novos estilos como *Locking*, *Popping*, *Waacking* e *House Dance* foram sendo incorporados, enriquecendo a trajetória das danças urbanas. Essa diversidade de estilos permite que o *Street Dance* seja dividido em duas principais vertentes dentro da cultura *Hip-Hop*: a Velha Escola ou *Old School*, que está associada às raízes do movimento *Hip-Hop* e à influência da *Funk Music*; e a Nova Escola ou *New School*, que reflete estilos mais contemporâneos, marcados pela integração de tecnologias modernas e por movimentos inovadores, que se distanciam dos padrões tradicionais da Velha Escola (Rocha, 2001).

Locking, anteriormente conhecido como *Campbellocking*, surgiu na década de 1970 e se destaca como um estilo de dança voltado para a performance que envolve ativamente o público por meio de interações entre dançarino e público (Scalamato, 2016). *Popping*, um termo que denota um movimento repentino de explosão, originou-se em Fresno, Califórnia, em 1970, e é baseado na técnica de contrair e relaxar músculos rapidamente para gerar um efeito de impulso no corpo do dançarino, comumente descrito como *pop* ou *beat*, e é amplamente reconhecido como uma forma de dança que simula movimentos robóticos. O *Waacking* estreou em 1971 nas cenas de clubes de Nova York, embora sua cultura de dança fosse cultivada predominantemente em Los Angeles. Esse estilo é caracterizado por movimentos verticais e intrincados gestos com as mãos que definem a essência da dança de rua. A *House Dance*, que se traduz em dança social, foi desenvolvida em ambientes de clubes, com origens em Chicago e Nova York, e é marcada por movimentos dinâmicos das pernas e ações sutis de calcanhar que surgiram de encontros festivos (Scalamato, 2016).

A dança *Hip-Hop* incorpora as vozes de jovens marginalizados, particularmente nas periferias urbanas, promovendo a identidade cultural e o envolvimento da comunidade (Ambrósio *et al.*, 2021). Ele atua como um meio de auto expressão e crítica política, refletindo as realidades sociopolíticas da

juventude em vários contextos, como o Zimbábue (Kellerer, 2014). O *Hip-Hop* representa uma ferramenta de visibilidade social, abordando questões de exclusão e invisibilidade enfrentadas pela juventude periférica (Arruda, 2017).

Partindo desse contexto histórico, o título “Danças Urbanas, corpo e voz da periferia: uma análise em periódicos da Educação Física” reflete a intenção de explorar não apenas os elementos físicos e coreográficos do *Hip-Hop*, mas também seus aspectos sociais e discursivos. Neste contexto, corpo e voz são entendidos como componentes intrínsecos e interconectados que não apenas refletem, mas também influenciam a realidade periférica. A escolha de realizar a pesquisa em periódicos especializados em Educação Física (EF) é uma decisão fundamentada em diversos motivos cruciais para o desenvolvimento de um estudo acadêmico sólido. Explorar o *Hip-Hop* neste contexto permite um diálogo direto com as últimas contribuições acadêmicas, proporcionando uma visão atualizada das discussões e pesquisas na área da EF. Buscamos compreender como tais manifestações culturais são incorporadas e discutidas nos periódicos da EF, reconhecendo a importância dessas práticas nos contextos formais e não formais da Educação considerando-as como agentes de empoderamento e construção de identidade.

Diante dessa contextualização sobre as danças urbanas, entendidas como “corpo e voz da periferia”, torna-se pertinente investigar de que maneira essa temática vem sendo abordada no contexto acadêmico, exaltando seus sentidos, impactos e possibilidades de inserção no campo da EF. Partindo desse questionamento e considerando o teor multifacetado da prática e experiência desta dança no contexto sociocultural, estabeleceu-se como questão central do estudo: quais interfaces são estabelecidas entre danças urbanas e a produção científica em periódicos brasileiros da EF?

Diante da complexidade que permeia a interação entre as danças urbanas, o corpo e a voz das periferias urbanas, esta investigação visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada dessas práticas culturais e suas implicações para o campo da EF. Ao conduzir essa pesquisa tendo como lócus periódicos especializados, buscamos não apenas agregar ao conhecimento existente, mas também enriquecer o diálogo acadêmico sobre o papel do *Hip-Hop* na formação integral do indivíduo e na EF, promovendo uma visão crítica e reflexiva sobre seu impacto na sociedade.

A escolha por investigar as danças urbanas no contexto da EF se justifica pela necessidade de ampliar a visibilidade acadêmica e pedagógica dessas práticas culturais que emergem das periferias urbanas. O *Hip-Hop* e suas danças, como o *Break* e o *Street Dance*, representam não apenas expressões estéticas, mas também formas de resistência, identidade e mobilização social, especialmente entre jovens marginalizados. Apesar de sua potência como ferramenta educativa e social, observa-se uma carência de pesquisas que explorem essas manifestações sob a perspectiva da EF, tanto em contextos formais de ensino quanto em espaços não formais. Ao analisar o tratamento

dado às danças urbanas nos periódicos da área, este trabalho busca contribuir para o reconhecimento de seu valor pedagógico, cultural e político, fortalecendo o debate sobre a inclusão de práticas corporais diversas e representativas na formação crítica e cidadã dos indivíduos.

Além desses aspectos introdutórios, o texto se divide em 04 seções que exaltam a metodologia do estudo; descrição, análise e discussões; considerações finais e referências.

2 PROCESSO METODOLOGICO

Este estudo consiste em pesquisa indireta, descritiva, de caráter bibliográfico e em abordagem quanti-qualitativa, uma vez que analisou os significados atribuídos pela produção de conhecimento sobre EF em relação às discussões referentes às danças urbanas. Fundamenta-se na busca de estudos realizados e publicados por autores que se dedicam às referidas temáticas em periódicos da EF (Mattos; Rossetto Júnior; Rabinovich, 2008), logo, trata-se de uma revisão sistemática de literatura, por apresentar uma questão específica, fontes e estratégias de busca de dados explícitas, estabelecendo a relação entre abordagens quantitativas e qualitativas (Rother, 2007).

Identificar dados numéricos referentes às danças urbanas nos periódicos da EF, assim como verificar que dimensões dessa temática são mais evidenciadas neles, aproxima-nos de uma abordagem quantitativa. Por outro lado, apresentar a descrição dos estudos levantados, entender o trajeto da inserção das danças urbanas como categorias investigativas na construção de conhecimento em EF e buscar relações com outros marcadores históricos, sociais, culturais e legais situam em uma abordagem qualitativa (Gomes; Araújo, 2005; Mattos; Rossetto Júnior; Rabinovich, 2008).

O estudo se define metodologicamente em três etapas:

1^a) Coleta de dados – selecionaram-se 14 periódicos brasileiros da área de EF, com ênfase nas dimensões escolar e não escolar, que disponibilizam suas edições em formato eletrônico. O fácil acesso a essas fontes e a visibilidade desses periódicos no contexto nacional no que tange à divulgação de estudos que envolvem os temas da cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992) justificaram sua escolha como lócus de pesquisa. Analisaram-se os periódicos desde suas primeiras edições, buscando estudos que priorizam a temática sobre as danças urbanas. Assim, o recorte temporal foi delimitado entre 1979 – em razão da criação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) – e 2024 – período de encerramento da coleta. O ano de 2009 demarca o período mínimo para criação dos periódicos investigados, uma vez que configura mais de 10 anos de sua existência, período satisfatório para sua consolidação como espaço de divulgação de conhecimento, o que é outro aspecto que abona a opção por essas revistas e não outras. Da mesma forma, como critério de seleção, buscou-se por

periódicos sediados nas 5 regiões do país, com o intuito de ampliar o espectro investigativo, entretanto esses não foram encontrados na região Norte do país⁴.

O processo de busca do material consistiu-se em dois momentos. Primeiro, o levantamento das publicações via leitura dos sumários de cada edição das revistas. Tal procedimento se justifica pelo fato de algumas revistas, em especial aquelas criadas na década de 1980, apresentarem suas primeiras edições em arquivos *Portable Document Format* (PDF) único, impossibilitando o acesso aos dados por descritores. Nas buscas nos 14 periódicos, todas as formas de publicação foram validadas (artigos originais, ensaios teóricos, editoriais, resenhas, relatos curtos, entrevistas, independentemente do idioma da produção).

Cabe destacar que os dados que originaram este estudo compõem uma pesquisa mais ampla intitulada “Educação Física e temas dissidentes: a produção do conhecimento em ginástica, dança e deficiência”, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa Corpo, Culturas e Diferença (GPCD), cadastrado em 2017 na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e com projeção de conclusão em 2027. Desse modo, em 2017, um grupo de 07 discentes da graduação e egressos da UFJF se debruçaram neste levamento inicial. Esses dados foram atualizados a partir da inserção de outros discentes ao GPCD, o que resultou em consecutivos retornos aos periódicos, sendo a última atualização dos dados realizada em 2024.

Sendo assim, em 2024, no que se refere ao tema dança, 297 publicações foram identificadas, envolvendo os contextos formais e não formais da educação, categorizadas por especificidades dos gêneros de dança que emergiam das publicações (balé, jazz, dança moderna e contemporânea, danças folclóricas, danças indígenas, danças urbanas 3/ou de rua etc.). No que tange ao recorte do tema para este estudo, as danças urbanas, foram encontradas 11 publicações, como descrito no quadro 01.

Quadro 1. Artigos selecionados a partir dos critérios da pesquisa

Periódicos	Autorias	Total
Motriz	Alves e Silva (2004) e Alves (2007)	02
Movimento	Reckziegel e Stigger (2005) e Carvalho <i>et al.</i> (2020)	02
CEFE	Queiroz, Ucci e Silva (2003)	01
CFRCBE	Grando e Honorato (2008) e Correia, Silva e Ferreira (2017)	02
Corpoconsciência	Antunes e Silva (2021) e Zanotto e Barbosa (2019)	02
RBEFE	Cardoso <i>et at.</i> (2011)	01
RBCE	Borges, Rocha e Machado (2022)	01
Total	-	11

Fonte: As autorias (2025)

⁴ Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Motrivivência - Revista de EF, Esporte e Lazer, Revista de EF, Movimento Revista de EF, Motriz - Revista de EF, Corpoconsciência, Pensar a Prática, Conexões, Caderno de EF e Esporte, Revista Mackenzie de EF e Esporte, Revista Brasileira de EFE Esporte, Arquivos em Movimento, Cadernos de Formação RBCE e Revista Brasileira de Ciência e Movimento.

2^a) Categorização e elaboração da descrição dos estudos – procedeu-se à leitura cuidadosa e ao fichamento do material, filtrando informações como instituição de origem dos pesquisadores, palavras-chave, objetivo do artigo, metodologia da pesquisa, discussão dos dados e conclusões. Em seguida, realizou-se o levantamento quantitativo do material, na tentativa de elencar o movimento epistemológico de constituição desse campo, destacando: 1) os anos em que as publicações passaram a integrar o panorama investigativo dos periódicos e a relação com outros possíveis demarcadores (legais, por exemplo); 2) sobre quais contextos (escolar e/ou não escolar) versavam essas investigações; 3) identificação de em que vertentes a temática “danças urbanas e *Hip-Hop*” era evidenciada e, com isso, levantamento de possíveis lacunas investigativas; 4) destaque dos tipos de abordagens investigativas (empíricas e/ou bibliográficas); 5) as bases de formação dos autores.

3^a) Análise qualitativa dos dados – a partir dos dados quantitativos levantados nas 1^a e 2^a etapas, os 11 artigos que integram a amostra foram categorizados, descritos e contextualizados à luz de referenciais teóricos e documentos legais específicos das áreas da EF e danças urbanas.

3 DANÇAS URBANAS EM PERIÓDICOS DA EF: O PANORAMA GERAL

As danças urbanas têm conquistado crescente espaço no cenário artístico e cultural, mas sua presença na literatura acadêmica, especialmente em periódicos da área de EF, ainda é limitada. Em consonância com essa afirmativa, no levantamento realizado nos 14 periódicos por nós investigados foram identificados 297 artigos relacionados à dança de modo geral, mas apenas 11 tratam especificamente sobre a temática danças urbanas.

Quadro 02: Contexto das publicações

Não Educacional	Educacional	
	Formal	Não formal
-	03	02
06		05
11 publicações		

Fonte: As autorias (2025)

Como descrito no quadro 02, das 11 publicações encontradas, 05 enfatizam o contexto educacional sendo 03 refletindo sobre o contexto formal, evidenciando, possivelmente, uma lacuna significativa na abordagem dessas manifestações culturais dentro do ambiente educacional – aspecto este que se torna apenas uma proposição que carece de novas investigações (quadro 03).

3.1. Danças urbanas e EF: o contexto não educacional

De acordo com os dados do quadro 02 evidencia-se que, dentre as 11 publicações descritas, a maioria (06) insere as danças urbanas em contextos não educacionais (Alves; Dias, 2004; Reckziegel;

Stigger, 2005; Alves, 2007; Cardoso *et al.*, 2011; Correia; Silva; Ferreira 2017; Antunes; Silva, 2021). Esses aspectos podem ser visualizados na descrição dos estudos, a seguir.

Alves e Dias (2004) investigam a dança *Break* como expressão artística e criativa em contextos de urbanização e exclusão social, em Campinas - SP, tendo como base teórica o materialismo dialético. A metodologia envolveu contato direto com grupos de dançarinos e análise teórica. Foram construídos os temas “estranhamento” e “movimento” para refletir sobre o corpo sensível. Concluíram que o *Break* forja espaços de expressão e resistência no cenário urbano.

Com o objetivo de compreender o sentido atribuído à dança de rua por jovens da periferia, Reckziegel e Stigger (2005) utilizaram de uma pesquisa etnográfica como metodologia realizada no Restinga *Crew*, do bairro Restinga, em Porto Alegre, no ano de 2005. Concluíram que a dança, junto à cultura *Hip-Hop*, atua como um movimento estético-político de engajamento social e transformação de vidas.

Alves (2007) investigou a partir de fontes bibliográficas e empíricas as danças do *Hip-Hop* (*Breaking*, *Popping* e *Locking*) com base nos quatro fatores do movimento de Laban: peso, espaço, tempo e fluência. Portanto, a teoria labaniana foi a metodologia para interpretar a estética e expressividade corporal. Segundo o autor, a abordagem permite combinar análise objetiva e subjetiva da performance. Conclui-se que essa leitura amplia a compreensão da linguagem poética do corpo no *Hip-Hop*.

O estudo de Cardoso *et al.* (2011) compara a corporeidade e a sexualidade entre dançarinos de *Hip-Hop*, Axé e não-dançarinos. A pesquisa é de abordagem quantitativa realizada por meio da aplicação de um questionário anônimo a pessoas de grupos distintos. A pesquisa foi realizada em dois momentos diferentes, a primeira no “*Meeting*” de *Hip-Hop* da cidade de Indaiatuba-SP e, a segunda, em uma academia na grande Florianópolis. Os resultados indicam maior satisfação sexual e conexão afetiva entre dançarinos de Axé, enquanto em ambos os estilos os dançarinos homens davam maior ênfase à genitália e a libido em relação aos aspectos da afetividade.

Em seu ensaio teórico, Correia, Silva e Ferreira (2017) investigam como as danças de rua originadas no *Hip-Hop* se ressignificam ao migrarem das ruas para espaços formais de dança. A metodologia é teórico-conceitual e com base nos autores Michel de Certeau, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Discutem a mudança de contexto e sentidos dessa prática na cultura urbana e concluem que há uma transformação estratégica na apropriação desses espaços.

O estudo de Antunes e Silva (2021), trata-se de um levantamento bibliográfico sobre o Movimento *Hip Hop* e as danças urbanas no período de 2005 a 2019. Os autores analisaram 11 obras, entre artigos, dissertações e teses, com foco nas manifestações culturais no campo do lazer e da educação. Embora o estudo traga contribuições importantes sobre a função social e educativa dessas

manifestações, interpretamos seu recorte temporal como restrito e identificamos a ausência de categorização institucional e regional, assim como a não identificação sistemática dos tipos de pesquisa. Esses aspectos revelam lacunas que nosso estudo busca preencher. Assim, ao propor uma análise ampliada e crítica da produção científica recente, evidenciando aspectos como região, instituição, periódico, abordagem e enfoque, nosso trabalho se justifica por atualizar e aprofundar o debate sobre as danças urbanas como expressões políticas, educacionais e identitárias nos espaços acadêmicos da EF.

A partir da descrição dos 06 estudos entendemos que tratam das danças como práticas culturais desenvolvidas de forma autônoma, em espaços públicos, coletivos e comunitários – como praças, centros culturais, batalhas de dança, projetos sociais ou coletivos periféricos. Essas manifestações reforçam o caráter popular, contra hegemônico e de resistência das danças urbanas, sobretudo nas periferias das grandes cidades, estando profundamente enraizadas nos contextos culturais, promovendo um sentimento de pertença e identidade entre os participantes. (Antunes; Silva, 2021)

No contexto geral da pesquisa, a maior incidência de produções voltadas ao contexto não educacional revela indícios de que as danças urbanas ainda são mais reconhecidas e valorizadas na sua origem e essência – como práticas culturais ligadas às juventudes negras e periféricas – do que no interior das instituições de ensino. Nesse sentido, elas funcionam como instrumentos de denúncia social, valorização da identidade, pertencimento étnico-racial e construção de subjetividades que desafiam padrões estéticos e normativos impostos historicamente à EF e à escola (Arruda, 2017).

3.2. Danças urbanas e EF: o contexto educacional

Das 05 publicações que abordam as danças urbanas no contexto educacional, 03 vinculam-se ao contexto formal (Grando; Honorato, 2008; Zanotto; Barbosa, 2019; Borges; Rocha; Machado, 2022). Já o contexto não formal, representado por Queirós, Ucci e Silva (2003) e Carvalho *et al.* (2020) que destacam perspectivas educacionais desenvolvidas em universidades. Isso demonstra que há esforços pontuais em legitimar essas práticas como conteúdos pedagógicos da EF, ainda que de forma tímida. Sobre esses estudos temos:

Grando e Honorato (2008) investigam práticas pedagógicas para o ensino da dança na EF escolar, focando nas danças folclóricas e de danças de rua. O estudo se utiliza de metodologia de abordagem qualitativa a partir de uma pesquisa-ação desenvolvida em uma escola estadual do município de Boa Ventura de São Roque - PR, com alunos das 4^a e 6^a séries do ensino fundamental. Conclui que metodologias que valorizam a realidade, a criatividade e a espontaneidade dos alunos são mais eficazes no ensino da dança.

Realizar e analisar uma proposta didático-pedagógica interdisciplinar para o ensino do *Hip-*



Hop na EF escolar é o objetivo de Zanotto e Barbosa (2019). Utilizaram da pesquisa-ação, portanto, de abordagem qualitativa, em uma escola paulista, com professores de EF e Sociologia. A pesquisa concentrou-se na análise dos diários de campo e mostrou que o planejamento interdisciplinar aprofundou o ensino do *Hip-Hop*, assim como entenderam que essa abordagem deve ser implementada para propostas pedagógicas mais integrais.

Relatar uma intervenção pedagógica durante o estágio em EF na Educação Infantil é o foco do estudo de Borges, Rocha e Machado (2022), realizado com crianças de uma escola pública em Vitória - ES. A metodologia envolveu atividades baseadas na cultura *Hip-Hop* (*grafitti, DJ, Rap, MC e Break*) e a escolha do tema considerou o contexto social das crianças. Concluíram que a experiência foi enriquecedora para alunos e estagiários.

Queirós, Ucci e Silva (2003) analisam a experiência do projeto de extensão “Venha Dançar com a Gente!!!” realizado nos anos 2000 a 2002, vinculado curso de EF da UNIOESTE - campus de Marechal Cândido Rondon, focado na dança de rua como conteúdo cultural e lazer universitário. A metodologia envolveu laboratório com estudos, aulas e apresentações. Os resultados apontam maior interesse pela dança e desenvolvimento dos acadêmicos. Conclui-se que a dança de rua é ferramenta pedagógica e de socialização.

Carvalho *et al.* (2020) pesquisaram o ensino de *Hip-Hop* como meio de expressão e inclusão de jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo, oriundos das comunidades da Grande Vitória - ES, matriculados no projeto de extensão “Prática pedagógica de educação física adaptada para pessoas com deficiência”, no ano de 2017. Utilizam de metodologia qualitativa com pesquisa-ação existencial e análise categorial. Mostram que a mediação pela cultura *Hip-Hop* estimula a linguagem, o protagonismo e o reconhecimento social. Concluíram que a prática contribuiu para a inclusão e interação social dos alunos.

No tocante aos 05 trabalhos enfocando as danças urbanas e considerando seus possíveis impactos nos processos educativos, essa realidade reflete o que autores como Silva (2006) denunciam: a persistência de um currículo eurocentrado, esportivizado e conservador nas aulas de EF, que marginaliza expressões culturais negras e urbanas. Como já enfatizado linhas atrás, o restrito quantitativo de estudos sobre essa temática no levantamento geral da pesquisa revela essa afirmativa.

Nesse contexto, apesar das diretrizes curriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados no final da década de 1990, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 para o ensino fundamental e 2018 para o ensino médio, indicarem a importância de incluir conteúdos que valorizem a diversidade da cultura corporal, na prática ainda se observa uma resistência significativa em acolher manifestações como o *Break*, o *Popping*, o *Locking* e o *Hip-Hop Freestyle* como saberes legítimos dentro das instituições de ensino (Brasil, 1997, 2017, 2018).

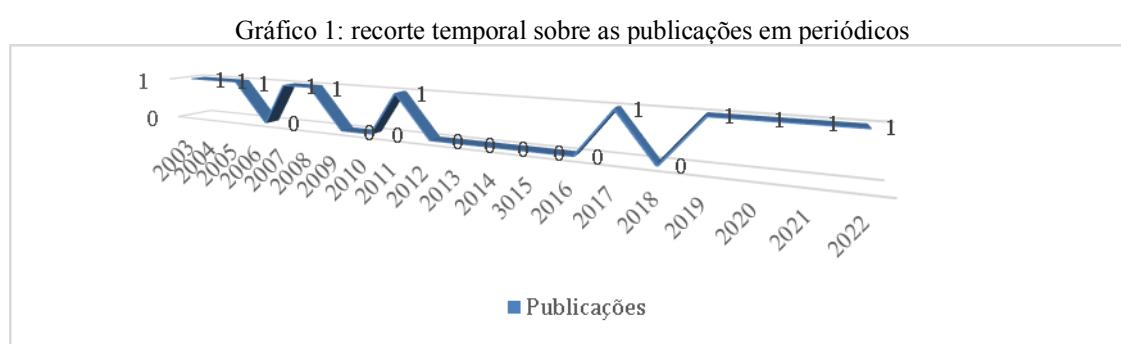
Os PCNs já propunham a inclusão de temas transversais, como a pluralidade cultural, propondo reflexões sobre a ética e o reconhecimento da identidade, incentivando uma abordagem mais crítica e abrangente da EF, enquanto a BNCC reforça o reconhecimento das diferentes manifestações culturais e estabelece a cultura corporal de movimento como um dos eixos centrais do componente curricular. Ambos os documentos dialogam com a necessidade de uma educação que valorize a diversidade étnico-racial, especialmente a partir da promulgação da Lei 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. (Brasil, 1997, 2003, 2017, 2018)

Portanto, a análise do quadro 02 aponta para a urgência de ampliar as discussões sobre as danças urbanas na formação docente e nos currículos escolares, reconhecendo-as como formas de conhecimento legítimas, potentes e críticas, capazes de romper com lógicas colonialistas e oferecer caminhos para uma EF mais inclusiva, plural e conectada às realidades dos estudantes (Neves *et al.*, 2020).

Dessa forma, torna-se fundamental aprofundar as discussões e ampliar os estudos que abordem as manifestações culturais urbanas e suas relações com a EF. Isso inclui refletir sobre o lugar dessas práticas no currículo escolar, bem como seu impacto social e cultural, valorizando saberes populares, periféricos e juvenis que historicamente foram marginalizados (Neira, 2007).

4 DANÇAS URBANAS EM PERIÓDICOS DA EF: AMPLIANDO AS ANÁLISES

O gráfico 1 ilustra a distribuição temporal das 11 publicações analisadas, indicando o ano de publicação de cada trabalho selecionado.



Considerando nosso recorte temporal entre 1979 e 2024, apenas em 2003 evidencia-se nos periódicos da EF a primeira publicação sobre danças urbanas. A partir deste período, observa-se uma regularidade mínima na produção sobre o tema até 2011 que, ainda que de forma tímida, pode ser interpretada como reflexo da maior visibilidade e valorização das manifestações culturais periféricas, sobretudo do movimento *Hip-Hop* e suas expressões corporais, no cenário brasileiro a partir da década

de 1990 (Ventura, 2009).

Dentro do campo da EF esse movimento pode estar também associado a um conjunto de transformações sociais, educacionais e acadêmicas. Em primeiro lugar, destaca-se o Movimento Renovador da EF (MREF) que emergiu nas décadas de 1980 e 1990 e propôs uma ruptura com os modelos tradicionais, biologicistas e esportivizados que até então dominavam a área. Esse movimento passou a defender uma abordagem crítica e cultural, valorizando a pluralidade das manifestações da cultura corporal de movimento, entre elas, as danças afro-brasileiras, populares e urbanas (Ghidetti; Rodrigues, 2020). A partir dessa perspectiva, o corpo passou a ser compreendido como expressão de identidades, histórias e resistências, abrindo espaço para o reconhecimento das danças urbanas como objeto legítimo de estudo.

Outro fator fundamental para a ampliação das pesquisas sobre danças urbanas no campo da EF é a influência da metodologia do ensino proposta pelo Coletivo de Autores (1992), conhecida como abordagem crítico-superadora. Essa perspectiva teórico-metodológica contribuiu para deslocar a EF de um modelo tradicional e tecnicista, voltado apenas à repetição de gestos motores ou à lógica do rendimento esportivo, para uma proposta comprometida com a formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes de sua inserção social e cultural. Ao compreender a cultura corporal como uma construção histórica, social e diversa, essa abordagem passou a reconhecer manifestações como as danças urbanas — até então marginalizadas — como expressões legítimas do movimento humano. Assim, a perspectiva da abordagem crítico-superadora foi essencial para o reconhecimento da dança como tema da cultura corporal, abrangendo práticas educativas e culturais potentes, estimulando novas investigações que abordam seus significados, usos pedagógicos e implicações sociais no contexto da escola e fora dela (Coletivo de Autores, 1992). Essa obra, assim como outros investigadores adeptos ao MREF contribuíram para a criação de documentos oficiais que passaram também a indicar os conteúdos a serem focados nas aulas de EF, como é o caso dos PCN.

Entre 2012 e 2016, a produção é interrompida, reaparecendo entre 2017 e 2022, com a mesma frequência dos anos iniciais, refletindo uma ampliação das discussões sobre diversidade, juventude, relações étnico-raciais e cultura corporal no campo da EF.

Para o contexto não educacional acreditamos que o surgimento de publicações sobre as danças urbanas possa se relacionar às questões que envolvem as diretrizes propostas pelo MREF, como já dito. Por outro lado, para o contexto educacional, chama-nos a atenção o ano de publicação dos estudos (2003, 2008, 2019 e 2022). Ainda que não anunciados nos estudos, parece-nos que o diálogo sobre as danças urbanas no ambiente escolar foi impulsionado por importantes documentos legais e pedagógicos que orientam a educação brasileira.

A Lei 10.639/03, ao tornar obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nos

currículos escolares, abriu caminho para o reconhecimento das expressões culturais de origem negra, como o *Hip-Hop* e suas danças, como conteúdos válidos e necessários para uma educação antirracista. Os PCN já apontavam, desde os anos 1990, a importância de se trabalhar com a diversidade cultural e de valorizar diferentes manifestações corporais dentro da EF, rompendo com a hegemonia dos esportes tradicionais. Mais recentemente, a BNCC reforçou esse movimento ao incluir a cultura corporal de movimento como um dos eixos estruturantes da área, enfatizando a necessidade de considerar o contexto sociocultural dos estudantes e de promover práticas corporais que dialoguem com suas realidades (Brasil, 1997, 2003, 2017, 2018).

Por fim, não se pode ignorar o impacto das políticas de inclusão no ensino superior, especialmente a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012) e ações afirmativas anteriores, que ampliaram o acesso de estudantes negros, indígenas e de baixa renda às universidades públicas. Esse movimento teve um efeito direto na produção do conhecimento, pois permitiu que sujeitos historicamente excluídos das IES trouxessem suas vivências, saberes e práticas culturais para o espaço científico. Considerando que as danças urbanas são fortemente vinculadas à cultura das periferias e da juventude negra, o ingresso desses estudantes pode ter influenciado o surgimento de pesquisas que tratam o tema com sensibilidade, profundidade e legitimidade, considerando, como descrito no gráfico 01, uma segunda onda de recorrência sobre produções sobre danças urbanas na EF entre 2017 e 2022.

Lembrando que nosso estudo trata de um recorte de 45 anos (1979 – 2024), demonstrando uma baixa produção sobre o tema investigado, cabe ressaltar que a criação de normativas legais levam certo período para que possa influenciar na reflexão teórica sobre determinado fenômeno social e cultural, o que podemos deduzir a partir da primeira (2003 a 2011) e segunda (2017 a 2022) contingência de publicações sobre danças urbanas nos periódicos da EF.

Quadro 03: Fontes investigativas dos estudos

Fonte/Contexto	Não Educacional	Educacional	Total
Bibliográfica	01	-	01
Bibliográfica e empírica	05	04	09
Bibliográfica, documental e empírica	-	01	01
Total	06	05	11

Fonte: As autorias (2025)

Os dados apresentados no quadro 03 demonstram que, em ambos os contextos — educacional e não educacional —, os estudos sobre danças urbanas analisados seguem predominantemente uma abordagem qualitativa, com destaque para a combinação entre fontes bibliográficas e empíricas, presente em 09 dos 11 trabalhos. Esse predomínio reforça o esforço dos pesquisadores em articular teoria com prática, buscando compreender as danças urbanas por meio de vivências concretas e escuta dos sujeitos envolvidos, sobretudo no contexto não educacional, onde essa combinação aparece em 06 estudos. Os jovens não apenas participam da cultura *Hip-Hop* como espectadores, mas atuam como

agentes produtores de cultura e conhecimento, mobilizando criatividade e saberes construídos nas vivências coletivas (Fleury, 2007).

Isso demonstra não apenas a busca por legitimar essas práticas no espaço institucional, mas também evidencia que os grupos juvenis onde as danças urbanas se desenvolvem funcionam como espaços privilegiados de experimentação, descoberta e expressão de autonomia. Como afirma Dayrell (2005, p. 112), esses coletivos se constituem como “[...] momento próprio de experimentações, de descoberta e teste das próprias potencialidades, de demandas de autonomia que efetivam no exercício de escolhas.” Essa característica reforça a importância da abordagem empírica como caminho metodológico potente para revelar a densidade simbólica e social dessas práticas.

Outra variável que pode influenciar o número de publicações encontradas é a instituição de origem dos pesquisadores e as regiões do país em que essas instituições estão localizadas. Neste levantamento foram identificadas produções oriundas de apenas três das cinco regiões brasileiras, como demonstrado no quadro 04:

Quadro 04: relação entre regiões e instituições

Região	Sul	Sudeste	Centro -Oeste	Nordeste	Norte	Internacional	Total
Total	11	18	-	-	-	01	30

Fonte: As autorias 2025

O quadro 05 mostra uma concentração significativa nas regiões Sudeste (18 instituições) e Sul (11 instituições), evidenciando o protagonismo dessas áreas na produção científica sobre o tema. As regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte não apresentaram nenhuma publicação vinculada. Sobre essa questão levantamos duas desconfianças.

Como primeira desconfiança, essa desigualdade na distribuição regional da produção científica é algo já apontado por diversos autores. Segundo Albuquerque *et al.* (2005), Diniz e Gonçalves (2005) e Chiarini *et al.* (2014), essa desigualdade está diretamente ligada às diferenças no acesso aos recursos científicos e tecnológicos entre as regiões do país. O Sudeste e o Sul, por exemplo, são favorecidos historicamente por concentrarem as principais universidades e centros de pesquisa (Suzigan; Albuquerque, 2011), além de contarem com maior número de profissionais qualificados (Albuquerque *et al.*, 2002). Diante disso, recebem mais recursos financeiros por meio de agências de fomento como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – que é responsável por fomentar a pesquisa científica, a tecnologia e a inovação no Brasil -, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2011).

Como segunda desconfiança, podemos citar a chegada da cultura *Hip-Hop* ao Brasil, no início dos anos 1980, que ocorreu inicialmente por meio da dança ocupando ruas e estações de metrô em

São Paulo (Azevedo; Silva, 1999). Essa prática manteve coerência com suas raízes nos bairros periféricos de Nova York, onde surgiu como uma alternativa simbólica à violência entre gangues (Rocha; Domenich; Casseano, 2001; Silva, 1999). No Sul do país, a cena teve início em Porto Alegre por volta de 1983, com rodas de *b-boys* no centro da cidade, destacando-se o bairro Restinga como um polo irradiador (Gorczewski, 2000; Laitano, 2001). Essa origem territorial ajuda a compreender a concentração das produções acadêmicas nas regiões Sudeste e Sul, apontada neste estudo. Além de fatores históricos, essas regiões se destacam pela oferta de eventos culturais de grande porte, como o Rio H2K – *Rio Hip-Hop Kemp*, o primeiro festival internacional de danças urbanas da América Latina, realizado a partir 2011 até o ano de 2020. Com forte visibilidade na mídia e parcerias com marcas como *Red Bull*, Metrô Rio, *AfroReggae* e o Consulado Geral dos EUA, o evento trouxe *Workshops*, batalhas e *Showcases* com coreógrafos renomados do cenário mundial. Sua segunda edição, em 2012, consolidou ainda mais o festival como referência nacional (Fundação cidade das artes, 2020). A presença desse tipo de iniciativa nas regiões analisadas reforça a hipótese de que os eventos culturais e as oportunidades de visibilidade também influenciam na distribuição regional da produção científica sobre danças urbanas no Brasil.

Dessa forma, essas informações nos levam a desconfiar sobre o motivo de os estudos sobre a dança de rua, especialmente os vinculados à cultura *Hip-Hop*, ainda serem mais presentes nessas regiões cujos recursos científicos, tecnológicos e financeiros são mais evidentes. Essa concentração aponta para a necessidade de ampliar o apoio à pesquisa em outras regiões do país, garantindo maior diversidade geográfica e valorizando contextos culturais distintos. Por fim, saber as áreas que têm mostrado interesse pela temática também é importante. O quadro 05 demonstra as áreas de formação dos autores dos artigos:

Quadro 05: Áreas de formação das autorias

Áreas	Não Educacional	Educacional	Referências ⁵
Ed. Física	17	05	Alves e Silva (2004), Reckziegel e Stigger (2005), Alves (2007), Grando e Honorato (2008), Queirós , Ucci e Silva (2003), Cardoso , Silveira , Sacomori , Sperandio e Beltrame (2011), Correia , Silva e Ferreira (2017), Zanotto e Barbosa (2019), Carvalho , Klein , Pessoa , Chicon e Sá (2020), Antunes e Silva (2021) e Borges , Rocha e Machado (2022)
Fisioterapia	02	-	Cardoso , Silveira , Sacomori , Sperandio e Beltrame (2011)
Artes cênicas	01	-	Reckziegel e Stigger (2005)
Filosofia	01	-	Alves e Silva (2004)
Ed. Especial	01	-	Cardoso , Silveira , Sacomori , Sperandio e Beltrame (2011)
Pedagogia	01	-	Correia ; Silva e Ferreira (2017) e Alves e Silva (2004)

Fonte: As autorias 2025

⁵ Considerando que há autores de diferentes áreas nos estudos, optamos por destacar em negrito aqueles autores referentes à área indicada no quadro.

O quadro evidencia que a maioria dos estudos sobre dança de rua foi realizada por pesquisadores com formação em EF, totalizando 22 autores. As demais áreas aparecem de forma menos expressiva, com apenas 01 ou 02 indicações em cada uma: Artes Cênicas, Fisioterapia, Filosofia, Educação Especial, Pedagogia e Dança.

Esses dados sugerem que a área da EF concentra a maior parte dos interesses acadêmicos voltados para as danças urbanas, o que pode estar relacionado à sua aproximação com os estudos do corpo, do movimento e das manifestações culturais, em especial a dança (Coletivo de Autores, 1992). Ao mesmo tempo, a presença de autores de diferentes formações reforça o caráter interdisciplinar da dança, evidenciando sua capacidade de dialogar com diversos contextos e objetivos, como destacam Rossi e Munster (2013, p. 185).

Da mesma forma, não podemos esquecer que nosso estudo foi realizado em periódicos da EF, o que demarca um território de especificidade, ainda que partilhado por autorias de outras áreas. Isso nos instiga a verificar em estudos posteriores como as danças de rua se manifestam com interesse investigativos em periódicos específicos de outras áreas, em especial, da área de Artes e Dança, considerando que são às áreas que compartilham com a EF da dança como conteúdo tanto na perspectiva educacional (PCN, BNCC) como não educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o que tem sido publicado sobre danças urbanas e *Hip-Hop* em 14 periódicos da área da EF, no período de 1979 a 2024. |Encontramos 11 artigos, revelando um número reduzido de produções científicas voltadas a essa temática, o que evidencia a incipiência do campo, sobretudo quando se considera a relevância sociocultural, política e educativa dessas manifestações.

Ainda que o *Hip-Hop* represente uma importante expressão da juventude periférica, marcada por resistência, identidade e pertencimento, ele ainda ocupa uma posição marginal na produção acadêmica da EF, especialmente no que diz respeito à sua inserção no contexto educacional. Dos 11 artigos levantados, 05 tematizam sobre perspectivas educacionais no contexto formal e não formal. A maioria dos estudos encontrados (06 artigos) concentra-se na abordagem cultural ou artística, com raras iniciativas que dialoguem com os conteúdos curriculares ou que proponham metodologias aplicáveis à prática pedagógica. Além disso, a análise mostrou que há uma concentração regional nas publicações, sobretudo nas regiões Sudeste e Sul, o que reflete desigualdades estruturais no acesso à pesquisa, como já apontado por Albuquerque *et al.* (2005) e Suzigan e Albuquerque (2011). Essa concentração pode ser atribuída à distribuição desigual de recursos financeiros, humanos e

institucionais entre as regiões do país (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2011) e sua chegada polarizada ao Brasil, no início dos anos 1980, ocupando as ruas e estações de metrô em São Paulo (Azevedo; Silva, 1999).

Outro ponto observado foi a prevalência de autorias vinculadas à área da EF, o que, por um lado, mostra um interesse em resgatar e reconhecer a dança como tema da cultura corporal, historicamente negligenciado (Coletivo de Autores, 1992). Por outro lado, a presença de autores de áreas diversas reforça a potência interdisciplinar da dança, capaz de transitar por diferentes campos do conhecimento e contribuir para a formação crítica e plural dos sujeitos (Rossi; Munster, 2013).

Assim, conclui-se que ainda há muitos caminhos a serem percorridos na construção de uma EF que reconheça as danças urbanas como práticas legítimas, potentes e necessárias dentro e fora do ambiente escolar. Reforçamos a importância de ampliar os estudos que dialoguem com a realidade das juventudes periféricas, valorizando suas expressões corporais como formas de conhecimento, resistência e transformação social, sobretudo lançando o olhar sobre outras áreas de conhecimento que partilham do universo das Artes e da dança.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eduardo *et al.* A distribuição espacial da produção científica e tecnológica brasileira: uma descrição de estatísticas de produção local de patentes e artigos científicos. **Revista Brasileira de Inovação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 225-254, 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rbi/article/view/8648860/15396>. Acesso em: 31 jul. 2025.

ALBUQUERQUE, Eduardo et al. Produção científica e tecnológica das regiões metropolitanas brasileiras. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 615-642, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/8H8RgNJnZP7TbJNHP8ycjcn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 jul. 2025.

ALVES, Flavio, S.; DIAS, Romualdo.; A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop Motriz. Rio Claro, v.10, n.1, p.01-07, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/937/874>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ALVES, Flavio, S. A Dança Break: uma análise dos fatores componentes do esforço no duplo movimento de ver e sentir. **Motriz**, Rio Claro, v.13, n.1, p.24-32, jan./mar. 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/577/739>. Acesso em: 21 jul 2024.

AMBROSIO, Letícia; ANDRADE, Alice Fernandes de; PRADO, Carla Cristina Pianca do; BRITO, Karolina Teixeira de; SILVA, Carla Regina. FEST 8: a ocupação cultural de juventudes negra e periférica em espaço público. **Áskesis**, São Carlos, SP, v. 9, n. 1, p. 176-191, jan./jun. 2020. ISSN 2238-3069. Disponível em: <https://doi.org/10.46269/9120.553>. Acesso em: 31 jul. 2025.

ANTUNES, Dariadison; SILVA, Cinthia Lopes. Movimento hip hop e danças urbanas: produção acadêmica de 2005 a 2019. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 25, n. 1, p. 203-217, jan./ abr.,2021. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/11909> Acesso em: 12 jun. 2025.

ARAÚJO, Richard Medeiros de; GOMES, Fabrício Pereira. **Pesquisa quanti-qualitativa em administração:** uma visão holística do objeto em estudo. 2005. Disponível em:
<https://sistema.semead.com.br/8semead/resultado/trabalhosPDF/152.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2025

AZEVEDO, Amailton Magno Grillu; SILVA, Salloma Salomão Jovino. Ossos que vêm das ruas. In: ANDRADE, Elaine N. de (org.). **Rap e educação, rapé educação**. São Paulo: Summus, 1999. p. 65-81.

BARRIOS, Jessica Loss. **Danças urbanas:** um estilo documentado. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. Disponível em:
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/13252/Barrios_Jessica_Loss.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 31 jul. 2025.

BORGES, Karina T; ROCHA, Maria C.; MACHADO, Thiago S. Educação Física na Educação Infantil: Uma Experiência com o Hip Hop. **Cadernos De Formação RCBE**, Espírito Santo, v. 13, n. 1, p. 60-70, mar. 2022. Disponível em:
<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2427/1494>. Acesso em: 7 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. v. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 30 jul. 2025.

CARDOSO, Fernando Luiz; SILVEIRA, Rozana Aparecida; SACOMORI, Cinara; SPERANDIO, Fabiana Flores; BELTRAME, Thais Silva. Corporeidade e sexualidade em dançarinos de rua: axé e hip hop. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 663–672, 2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16859>. Acesso em: 30 jul. 2025.

CARVALHO, Ingrid, R. et al. A linguagem como instrumento de inclusão social: uma experiência de ensino do hip-hop para jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, p.1-13, jan/dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.91403>. Acesso em: 21 jul 2024.



COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORREIA, Adriana Martins; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; FERREIRA, Nilda Teves. Do racha na rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 213–231, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p213>. Acesso em: 30 jul. 2025.

COSTA, Maurício Priess da. **A dança do movimento Hip-Hop e o movimento da dança "Hip-Hop"**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Curitiba, 2003. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/60852/MAURICIO%20PRIESS%20DA%20COSTA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 jul. 2025.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 115–135, jun. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100009>. Acesso em: 30 jul. 2025.

DINIZ, C. C.; GONÇALVES, E. Economia do conhecimento e desenvolvimento regional no Brasil. In: DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (org.). **Economia e território**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 131–168. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-08892016002800002>. Acesso em: 30 jul. 2025.

DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia; ROCHA, Janaina. **Hip-Hop: a periferia grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 160 p. Disponível em: https://fpabramo.org.br/editora/wp-content/uploads/sites/17/2017/05/hip_hop_0.pdf. Acesso em: 31 jul. 2025.

FLEURY, Márcia Mathias Netto. Dança de rua: jovens entre projetos de lazer e trabalho. **Última Década**, v. 15, n. 27, p. 27–48, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/udecada/v15n27/art03.pdf>. Acesso em 02 jul. 2025.

FUNDAÇÃO CIDADE DAS ARTES – CIDADE DAS ARTES BIBI FERREIRA. Sobre a Cidade das Artes. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, c2020. Disponível em: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/sobre-a-cidade-das-artes/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). Análise da produção científica a partir de publicações em periódicos especializados. In: **FAPESP. Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo 2010**. São Paulo: Fapesp, 2011. v. 1. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/linha-do-tempo/2139/nova-edicao-dos-indicadores/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

GHIDETTI, Filipe Ferreira; RODRIGUES, Renata Marques. Cultura corporal de movimento em pauta: uma análise sobre o objeto de ensino da Educação Física como vetor dos processos de subjetivação com o corpo. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01–23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e62668>. Acesso em: 22 jul. 2025.

GORCZEVSKI, Deisimer. **O hip-hop e a (in)visibilidade no cenário midiático**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2002.

GRANDO, Daiane. HONORATO, Ilma, C.R. O Ensino do Conteúdo Dança na 5^a e 6^a Série do Ensino Fundamental a Partir da Dança Folclórica e da Dança de Rua. **Motrivivência**, Paraná, n. 31, p.99-114, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n31p99/12958>. Acesso em: 8 jun. 2024.

KELLERER, Katja. Chant down tha system 'till Babylon falls: the political dimensions of Urban Grooves and underground Hip Hop in Zimbabwe. **Journal of Hip Hop Studies**, v. 1, n. 2, art. 8, 2014. Disponível em: <https://scholarscompass.vcu.edu/jhs/vol1/iss2/8>. Acesso em: 30 jul. 2025.

LAITANO, Gisele Santos. **Os territórios, os lugares e a subjetividade: construindo a geograficidade pela escrita do movimento hip-hop, no bairro Restinga, em Porto Alegre, RS**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7846>. Acesso em: 14 dez. 2025.

LE LAY, Marian. **Cypher to classroom: an ethnography and choreographic reading on teaching and learning and embodied hip hop pedagogies otherwise**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – University of California, Riverside. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/7vb6c3f9>. Acesso em: 30 jul. 2025.

MATTOS, M. G. ROSSETTO JÚNIOR, A. J.; RABINOVICH, S. B. **Metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia, artigos e projetos**. 4. ed. Porto Alegre: Phorte, 2008.

NEIRA, Marcos Garcia. Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 3, p. 174–180, jul./set. 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/820/885>. Acesso em: 31 jul. 2025

NEVES, L.; MORAES, P. M. DE; ARRUDA, A. B. DE; NUNES, S. DO N.; MELLO, F. H. DE. Danças urbanas na UNEMAT em Cáceres-MT: articulação entre dança, cultura e arte. **Expressa Extensão**, v. 25, n. 3, p. 224-233, 30 ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/ee.v25i3.1878>. Acesso em: 12 julho 2025.

QUEIRÓS, Ilse, L. B. G.; UCCI, Sarah, C.; SILVA, Mônica, B. G. Dança de rua conhecimento e vivência de lazer na UNIOESTE. **Caderno de educação física e esportes**, Marechal Cândido Rondon, v. 5, n. 10, p. 201–204, 2003. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/1370>. Acesso em: 24 jul. 2025.

RECKZIEGEL, Ana Cecília de Carvalho; STIGGER, Marco Paulo. Dança de rua: opção pela dignidade e compromisso social. **Movimento**, Porto Alegre, /S. l.J, v. 11, n. 2, p. 59–73, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2868>. Acesso em: 30 jul. 2025

RONSINI Veneza V. Mayora. Mercadores de Sentido: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROSSI, P.; MUNSTER, M. D. Dança e deficiência: uma revisão bibliográfica em teses e dissertações nacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 181–205, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.39132>. Acesso em: 30 jul. 2025.

ROTHER, Edna T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista Enfermagem**, n. 20, v. 2, p. 1-2, jun. 2027. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2025

SCALAMATO, Carlise Duarte. **Tradutibilidades do digital para a cultura da dança:** espetáculos contemporâneos. 2016. 147 f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/135536/000989170.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 31 jul. 2025.

SILVA, José Carlos da. Arte e educação: a experiência do movimento Hip-Hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999. p. 23-38.

SILVA, Petronilha B. G. Educação para as relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 55–78, 2006. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/587028/4/Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20as%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20%C3%89tnico-Raciais.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2025.

SOUZA, Beatriz Gomes; FRANCO, Neil. Dança e pessoas com deficiência em periódicos brasileiros da Educação Física (1979-2019). **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 28, p. e40833, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/40833>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SUZIGAN, Wilson; ALBUQUERQUE, Eduardo. The underestimated role of universities for the Brazilian system of innovation. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 31, n. 1, p. 3-30, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31572011000100001>. Acesso em: 31 jul. 2025.

VENTURA, Paulo Roberto Veloso. **A educação física e sua constituição histórica:** desvelando ocultamentos. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/675/1/PAULO%20ROBERTO%20VELOSO%20VENTURA.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2025.

ZANOTTO, Luana; BARBOSA, Luis Felipe. O hip hop na educação física: um contexto de planejamento interdisciplinar. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 23, n. 2, p. 37–48, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/8426>. Acesso em: 23 jun. 2025.